

# **Corpo e Subjetividade: a construção do feminino através das cirurgias plásticas<sup>1</sup>**

**Geísa Pereira Alves**  
**PPGAS / DAN / UFRN**

## **Resumo**

A proposta desse trabalho é refletir sobre o processo de construção do corpo e sua influência na definição de padrões estéticos do feminino no contemporâneo. A partir da literatura antropológica sobre o assunto, pretendo evidenciar o modo como a cirurgia plástica estética e o discurso medicalizado, histórico e cultural tem legitimado as diferenças entre os gêneros ao conjugar o corpo saudável com as concepções locais de beleza corporal feminina. Termos como “corpo definido”, “esculpir o corpo”, “auto-estima”, “redefinir o corpo”, “corpo perfeito”, “antes e depois”, “remodelar o visual”, “estar de bem com a vida”, “estar segura de si”, “ser jovem”, “ter saúde”, “seduzir” e “ser feminina”, são algumas das expressões presentes no discurso das mulheres que se submeteram ou pensam em se submeter às cirurgias plásticas estéticas, abrangendo desde às cirurgias corretivas ao implante de silicone, entre outras, evidenciando um dos modos como o sujeito experiencia corporificadamente sua subjetividade. O trabalho etnográfico foi realizado em clínicas de cirurgias plásticas estéticas com mulheres de vinte a quarenta e cinco anos, pertencentes aos segmentos médios urbanos da cidade de Natal-RN, no período de abril a novembro de 2006. O trabalho de campo incluiu a observação direta, acompanhamento de cirurgias, observação da dinâmica dos atendimentos das pacientes e entrevistas com mulheres e médicos cirurgiões plásticos.

Palavras-Chave: Antropologia do Corpo, Gênero e Cirurgias Plásticas.

## **Introdução**

Há mais de um ano, ao chegar as clínicas de cirurgias estéticas na

---

1 Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

cidade de Natal -RN para iniciar a pesquisa de campo com as mulheres, minha primeira impressão foi a de que elas eram apenas vaidosas com a aparência. Perguntava-me se o cuidado que elas tinham com a pele, o cabelo e as unhas era apenas uma questão de vaidade. Porém, ao aprofundar as observações e começar a realizar as primeiras entrevistas pude perceber um cuidado extremo com o corpo até então não percebido. Logo constatei que havia uma preocupação com a “barriga que teima em aparecer”, com a cintura que “está larga”, com o “bumbum” que está “caído”, com as unhas por fazer, com a pele “ressecada” e os cabelos mal-tratados. Por tudo isso, afirmavam: “O corpo não parece com o corpo feminino”. Estas preocupações levavam a um cuidado em estar sempre arrumada, perfumada e “feminina”. Esse cuidado com o próprio corpo, somado ao uso de maquiagem, de jóias e de produtos da moda era para elas também critérios para se ter um corpo feminino.

Convém ressaltar que o ideal de beleza que as mulheres entrevistadas fazem de um corpo feminino é aquele que inclui “pouca coxa”, “pouco quadril”, um corpo magro, “malhado”, mas com seios de um certo volume.

Sobre isso, Mirian Goldenberg e Marcelo Silva Ramos (2002) afirmam que o “culto ao corpo” nas camadas médias urbanas vem aumentando através dos diversos rituais de beleza, rejuvenescimento e modelagem das formas corporais. Acrescentam estes autores:

Não é um corpo indistinto dado pela natureza. É um corpo trabalhado, saudável, bem-cuidado, paradoxalmente uma 'natureza cultivada', [...] O corpo, como as roupas, surge como o símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os indivíduos e os grupos sociais. (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 38).

Para as mulheres entrevistadas<sup>2</sup>, a mulher que possui corpo bonito teria a seguinte descrição:

Seria magra, alta, pernas torneadas, bumbum trabalhado, olhos grandes, cabelo liso, cintura fina. (Luísa, 25 anos).

Magra e malhada. Ela tem coxa definida, barriga sarada, braços torneados e tem peito. (Jackeline, 30 anos).

---

2 Para preservar a identidade das entrevistadas, os nomes aqui utilizados são fictícios.

Não tem barriga, tem bunda durinha, é magra, tem pernas compridas e tem peito. (Isolda, 20 anos).

[...] Eu gostaria de ter um corpo de modelo. Um corpo de dar inveja! Tiraria essa barriguinha. Seria mais alta e mais magra e teria um cabelo comprido e bem liso. Não gosto das pernas, acho tortas e curtas. Já acho a cintura e os quadris bonitos. (Cristiane, 28 anos).

Percebe-se nesses depoimentos que as referidas mulheres aspiram a alcançar um corpo essencialmente magro mas com curvas, o que se coaduna com o ideal de beleza das mulheres das camadas médias difundido pela mídia – um corpo magro, “sarado” e com seios volumosos.

De um modo geral, as entrevistadas se dizem insatisfeitas com o corpo que têm, apesar de muitas citarem que já são bonitas, mas sempre há algo que mudariam no corpo, pequenos defeitos que são visíveis e incomodam quando os outros percebem. Vejamos:

Gosto do que vejo no espelho, só tenho que corrigir somente as orelhas, porque estão um pouquinho de abano, todo mundo já me disse isso. (Luísa, 25 anos).

O “se achar bonita”, “ter barriga sarada”, “parecer uma modelo”, como uma entrevistada falou, precisa de certo modo da aprovação do grupo:

Sou bonita. Não sou eu que acho, mas todo mundo que convivo diz isso, então só pode ser verdade. (Beatriz, 25 anos).

Agora estou satisfeita com meu corpo. Antes de fazer a plástica tinha dois pneuzinhos na cintura que não saiam de jeito nenhum. Hoje todo mundo me diz que estou muito mais bonita. (Lara, 23 anos).

Vivo sempre com fome, jantares? Só quando comemoro alguma data especial, pois vivo de dieta [...] comer há muito tempo deixou de ser um prazer, como para enganar a fome e me manter viva. Prefiro mil vezes ouvir elogios do que saciar a fome (Lívia, 38 anos).

A maior parte das normas da aparência passa pelo “olhar do outro”, um olhar que julga e às vezes até aponta para a parte da anatomia na qual devem ser centrados

esforços de “malhação”, de modificação e de criação<sup>3</sup>.

Dessa forma, a exigência brasileira no que diz respeito ao corpo está centrada numa obsessão psicológica com o olhar do outro sobre o próprio corpo, os desejos simétricos de ver e ser visto alimentam aquilo que se chama de *personalidades corporais modais específicas*<sup>4</sup>, que as mulheres incorporam para poder representá-las nas diversas cenas sociais que lhes são dedicadas<sup>5</sup>.

Há uma marcada referência ao ideal feminino. A beleza da mulher deve ser apreciada nos detalhes. Esta distinção é percebida como definidora de ser mulher e ser feminina. Segue um relato que espelha estes detalhes:

Os namorados que já tive sempre me elogiaram pela minha ótima forma, definida sem gorduras, unhas sempre impecáveis, pele lisinha sem pêlos e também pelas minhas roupas. [...] Qual o homem que não gosta de ter uma mulher assim, tão feminina? (Lívia, 39 anos).

O aspecto estético, todavia, considerado relevante na representação desse corpo, não é suficiente, pois posturas, atitudes e comportamentos também são considerados importantes. Para as entrevistadas, ser mulher não é somente ter um corpo “feminino”, é também ser “elegante”, ser “interessante”, “ter conhecimento de mundo”, ser sensível e “ser inteligente”. A sua condição de mulher exige um comportamento marcado por princípios morais e sociais:

Ser mulher é saber se portar com elegância diante da vida, ser admirada pela família e amigos, ou seja, ser uma pessoa interessante é saber discutir sobre

---

3 O autor Stephane Malysse (2002, p. 116) também fala: “A partir do momento em que os corpos comuns se tornam visíveis em público, eles incorporam um grande número de limites e restrições de ordem estético-social; [...] como o aluno de uma dessas academias mostra ao amigo que este ainda não perdeu a barriga e o encoraja, por meio de um alocontato comprobatório, a retomar o exercício antes que seja tarde demais!”.

4 Malysse (2002) sugere o termo para explicar as semelhanças na aparência dos membros de um corpus social, e para mostrar que os aparatos de mimese corporal e os processos sociais de imitação da norma que constituem as modas do corpo de vestuário preparam nos bastidores o fato de que quem se parece fisicamente se reúne socialmente ao incorporar sinais visíveis de pertencimento a um *corpus* social, valorizando assim, uma estética e uma ética específicas ao corpo.

5 Nesse sentido, Roberto DaMatta (1997, p. 120) acrescenta que no Brasil a passagem da *casa* para a *rua* é sempre ritualizada: “Para sair de casa é preciso 'arrumar' o corpo, tornando-o publicamente apresentável. A roupa e a aparência (que inclui o modo de andar, falar e gesticular) ajudam a revelar que o interlocutor é 'gente que se lava' [...] A roupa e a preocupação com a aparência, sobretudo no ato de ir (ou estar) na rua, demonstram que se deseja vestir uma etiqueta social sobre o corpo, como um sinal contra o anonimato.”

vários assuntos, ser sensível, saber ouvir. (Jackeline, 30 anos).

[...] ser mulher é muito bom. Porque você é o centro de tudo, você tem sentimento, você é consultada para tudo, sua opinião é levada em conta. [...] o homem não pára muito para pensar, vai logo fazendo e pronto. A mulher não, a mulher já pensa em tomar atitude que modifica sua vida, já sabe o que quer, já procura tomar a decisão mais acertada. (Cristina, 31 anos).

A roupa, porém, parece ser uma das formas representativas de revelar o corpo feminino. Para as mulheres entrevistadas, a aparência está relacionada com o fato de ser mulher, manifestada com o “ser feminina”, ou seja, estar sempre arrumada, cabelos em ordem, perfumada, maquiada, com acessórios da moda e “causar uma boa impressão”. Nos bairros de Tirol e Petrópolis, há uma exibição de corpos através do modo de vestir (roupas de marca). As mulheres circulam pelas ruas dos bairros com calças jeans justas de marcas nacionais e importadas, acompanhadas de batas<sup>6</sup>, blusas cavadas e justas, vestidos que marcam mais a forma do corpo e mais de um palmo acima dos joelhos, acompanhados sempre por sapatos ou sandálias altas. As que vão à academia de ginástica circulam com calças corsários de malha com *tops* nas cores da calça e por cima do *top* uma camiseta regata que vai até à altura dos quadris. Usam tênis de marca que sempre tem uma das cores da roupa de ginástica, o cabelo preso em rabo de cavalo e estão sempre perfumadas.

Para ir ao trabalho, as mulheres desses bairros costumam combinar peças do vestuário feminino, que remetem a uma certa discricção, e sempre usam o mesmo tipo de roupa – calça, blusa, casaco e sapatos altos, todos em tons sóbrios. As blusas não possuem decotes e as unhas e cabelos estão sempre em ordem. No período da pesquisa, observei que somente entre as mulheres que são arquitetas é que aparece outro tipo de indumentária. Elas usam saias longas estampadas, bolsas coloridas, sapatos altos e muitos tipos de bijuterias (acessórios) para ir ao trabalho e também para circular pela cidade. Esse modo de vestir, de estar com uma roupa da moda, de estar bem vestida, sempre de saltos altos, parece denotar uma *lógica* do bairro, observado em outros bairros de camadas médias. Também parece

---

6 Bata: blusa folgada que se usa solta por fora da calça (HOUAISS; VILLAR, 2001); Bustiê: blusa curta colante (HOUAISS; VILLAR, 2001); Corsário: espécie de calça comprida adesiva de tamanho mais curto (HOUAIS, VILLAR, 2001)

ressaltar uma elaborada domesticação do corpo, segundo os depoimentos:

Quando era criança, desejava as roupas e as cores proibidas, quando comecei a ficar mocinha, comecei a comprar roupas para 'montar' o meu próprio guarda-roupa. [...] Antes só usava o que minha mãe queria, hoje tenho tudo que aparece de novidade. Gosto de me vestir bem, com calça jeans, vestidos longos e blusas bonitas. (Flávia, 28 anos).

Tenho horror a roupa vulgar. Assim, blusa que mostra a barriga, short curto demais, mini-saia, essas peças tipo pagodeira. Meu estilo é *chic*. Costumo ir as festas com vestidos bonitos, com calças e blusas. Sempre uso um acessório que chame atenção e só. (Cristina, 31 anos).

Sempre estou bem arrumada porque vejo todo mundo andar assim. Tenho corpo para usar mini-saia, mas não gosto, não sei por quê. Talvez por achar vulgar. Uso biquíni pequenininho porque me cai bem. Já a mini-saia não, não, fica parecendo uma qualquer. (Clarice, 32 anos).

Além da roupa, acessórios e maquiagem fazem parte dessa construção do corpo. As mulheres exibem jóias com anéis, brincos e relógios, principalmente, e relatam o uso de maquiagem, tratamentos para os cabelos – na maioria tingidos e alisados – e produtos para o corpo. Em todo o período da pesquisa, só vi uma mulher de cabelos crespos. Apesar de muitas entrevistadas revelarem que os cabelos já eram “bons”, disseram ter feito alisamento através de procedimento químico conhecido como *escova definitiva* para ficarem ainda mais bonitas. No grupo observado, apenas três usavam *piercing*: uma delas usava no umbigo, outra na sobrancelha e a última no lábio. Nenhuma delas tinha tatuagens no corpo.

O cuidado de si está fortemente presente:

Me cuido bastante. Até quando estou em casa não fico com roupa velha e sem maquiagem. Passo sempre um batom e rímel. É como se estivesse pronta para sair, mas lógico que quando vou sair capricho mais no visual, passo uma base no rosto, um protetor solar nos braços e nas pernas, passo uma sombra, gloss e perfume. [Sobre acessórios] Gosto de bijuterias finas e de bolsas. Tenho uma coleção de bolsas na minha casa que você não imagina. Cada uma de um modelo diferente e cores também. Mudo de bolsa todos os dias. Cada dia é uma. Gosto de mudar de acordo com a roupa. [Sobre os cabelos] Gosto deles compridos e bem lisos, uso sempre solto, vou uma vez por semana ao salão hidratar e a cada três meses retoco a escova progressiva. Uso hidratante no corpo, para deixá-lo bem macio. (Sara, 29 anos).

A mulher que gosta de ser mulher tem prazer em se cuidar, não para o

namorado ou marido, mas gosta da rotina de tratar-se, de ir ao cabeleireiro, de fazer as unhas, de fazer uma caminhada, de fazer uma massagem, de comprar uma roupa nova, igual a mim. [...] Amo ser mulher, lembrei daquela música: '[...] eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim'. (Alice, 42 anos).

Para algumas entrevistadas, a beleza e os cuidados com o corpo retratam um modo de estar voltadas para si mesmas. Sua autocrítica em relação ao corpo é reconhecida ao mesmo tempo sob críticas implacáveis e também com elogios que remetem ao corpo como objeto merecedor de seu próprio amor:

Sou grata pelo corpo saudável que Deus me deu, mas tive que suar muito para conseguir ficar com esse corpo hoje. Todos os dias são uma batalha para conseguir algum resultado [...] eu sou escrava da beleza, eu me adoro, me amo, me gosto mesma, gosto de chegar na frente do espelho e dizer: eu me amo. E tudo posso, sou bonita. (Lívia, 38 anos).

Neste discurso, a mulher revela que ser bonita é de grande importância na sua vida e que a preocupação com a aparência está carregada de investimento pessoal, revelando a idéia de que cada uma é responsável por sua juventude, beleza e bem-estar. A batalha travada diariamente dá-se através de um trabalho de si mesma, de conquista de beleza e de prevenção da feiúra, de modo especial, através da cirurgia plástica. Ao dizer “eu tudo posso”, a mulher revela que se sente com o poder de controlar sua vida e o seu corpo através das cirurgias, cujas opções estéticas estão ancoradas nas avaliações e definições colhidas da realidade social. Na afirmação da entrevistada, o projeto de vida (VELHO, 2003) está significativamente orientado sob a forma de um investimento individual (a cirurgia plástica estética). O corpo “em forma” se apresenta como um sucesso pessoal.

Neste sentido, os cosméticos, a maquiagem, a cirurgia estética, os exercícios de manutenção do corpo, os artifícios da elegância não servem apenas para controlar o corpo, eles expressam o corpo. Nos depoimentos citados, o corpo expresso pelos investimentos pessoais de cada uma é um corpo sensual, um corpo que atrai olhares e elogios, podendo, como tal, ser objeto de sedução ou rejeição.

Constatamos aqui o que afirma Mirian Goldenberg (2002, p. 38): “O

*corpo* é um corpo coberto por signos distintivos. Um corpo que, apesar de aparentemente mais livre por seu maior desnudamento e exposição pública, é, na verdade, muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas pelos seus portadores.” Assim, em função dos cânones estéticos, o indivíduo considerado feio vive uma tensão constante entre o constrangimento psicológico e as exigências da sociedade, tendo a própria anatomia como seu pior algoz.

No universo pesquisado, o padrão corporal seguido pelas mulheres também está ligado ao papel importante que os meios de comunicação exercem em suas vidas. Essa marca está presente nos discursos das entrevistadas:

Trouxe a foto de Cláudia Raia para o Doutor fazer o meu nariz igual ao dela. E ficou ótimo. (Lívia, 38 anos).

As mulheres da pesquisa seguem um padrão corporal fruto, em grande parte, de uma sociedade que vive o desenvolvimento de novas tecnologias midiáticas<sup>7</sup>. Elas decifram a aparência dos outros e se preocupam com a sua própria, pois o corpo, as roupas e a aparência passam a ser a expressão do *self*. Os meios de comunicação possuem um papel fundamental, através da exposição freqüente e massiva, na construção dos padrões de beleza. Vejamos:

É só assistir a uma novela pra ver que o 'ser magra' e o estar 'na moda' é importante para qualquer um nesse mundo. (Ana, 42 anos).

No Brasil, a televisão é um grande produtor de padrões de beleza, com destaque para as novelas e os programas focalizados em tratamentos de beleza<sup>8</sup>. As novelas da Rede Globo foram citadas pelas entrevistadas, com destaque para a admiração das personagens tipo “heroínas”, que lutavam contra obstáculos e pela realização do amor. Este tipo de programa faz parte do cotidiano das entrevistadas, que discutem e refletem sobre as

---

7 Nesse sentido, Featherstone (2001) acrescenta que a mídia assume um papel em que as pessoas são estimuladas a desenvolver as habilidades de atores, o que denomina de “performing self”. Nas suas palavras: “Individuals should attempt to develop the skills of actors [...]” (FEATHERSTONE, 2001, p. 189).

8 Programas de canais por assinatura tipo: “Você é o que você come”, do canal GNT; “The Swan”, do canal Warner; e “Dr. 90210”, do canal E! Entertainment.

personagens. Nessa dinâmica, entram em contato com os valores do indivíduo moderno, presentes nas histórias, e assimilam e escolhem formas mais “atualizadas” para viver em conformidade com o padrão estético e o estilo de vida de Classe Média. Nas suas palavras:

Por tantas coisas que dou conta na minha vida, posso dizer que sou uma super mulher, [...] não há nada fácil ser mãe, dona de casa, empresária e ainda ter tempo de cuidar do corpo, sou valorizada por tudo isso. (Vitória, 48 anos).

O fato de conseguir “dar conta de tantas coisas na vida” aparece no depoimento desta mulher como uma característica valorosa da sua “batalha” no dia-a-dia, ou seja, conseguir conciliar a vida familiar, amorosa, profissional e ainda ter tempo para cuidar do corpo. O exemplo visto nas personagens é legitimado no discurso e repetido na vida.

As novelas também promovem o prazer e estimulam o consumo.

Vejamos:

Vejo novela num dia e no outro já saio para comprar uma coisa que aparece na cena. (Clara, 41 anos).

Os programas de televisão, os comerciais e as revistas operam na construção dos diversos tipos de identidade e estilos de vida, próprios da sociedade de consumo<sup>9</sup>. A novela é uma espécie de grande vitrine para essas mulheres, pois expõe essa variação e mostra a possibilidade de diferenciar-se através dos bens, das roupas e das cirurgias plásticas, ao mesmo tempo que buscam estar de acordo com o padrão de beleza vigente.

## **1 .Gravidez e excesso de peso**

Antes da minha primeira gravidez, meu corpo era lindo, tudo no lugar, peitos, barriga. Mas foi só engravidar para me transformar numa baranga.

---

9 Para Heloísa Buarque de Almeida (2003), a associação entre mulheres, consumo e emoção é parcialmente responsável pelo sucesso comercial das novelas, um programa pensado igualmente como feminino e que cria identificações de ordem afetiva com seus expectadores. A autora ainda acrescenta: “[...] Não se trata, portanto, de afirmar apenas que é a mulher que compra, mas sim que esta esfera – do consumo, da decisão de compra – ganhou e manteve um atributo feminino.” (ALMEIDA, 2003, p. 270).

Fiquei muito deprimida em me olhar no espelho e não me reconhecer mais, tive que fazer terapia e foi a terapia que me ajudou a decidir fazer a cirurgia plástica. (Beatriz, 42 anos).

Com relação às diferenças entre homem e mulher, as entrevistadas, ao se revelarem, apontam diferenças físicas e diferenças de comportamento destinadas e próprias para cada sexo e que são assimiladas no processo de socialização. Elas enfatizam a gravidez e a maternidade como diferenças marcantes entre os sexos e como o fato de engravidar pode ser uma ameaça, que poderá resultar na perda da boa aparência. Seguem os relatos:

Não me arrependo de ter tido meus dois filhos, mas por outro lado junto com eles vieram minhas frustrações [...] nunca mais fiquei em paz com meu corpo, estou sempre lutando contra a balança. (Teresa, 38 anos).

Engordei muito na minha terceira gravidez, mais ou menos 30 quilos e fiquei horrorosa. Fiquei completamente flácida. Me separei do meu marido há um ano, acho que ele não sentia mais tesão por mim depois que engordei com a gravidez. O que se pode fazer? Ninguém engravida sem engordar. (Ana, 42 anos).

Quando estou na academia e vejo aquele monte de coroa mais sarada do que eu penso: poxa, se eu já sofro para não despencar enquanto sou nova e ainda não tenho filho, só passando mais tempo na academia e fazendo plástica todo ano. Quando penso na amamentação, aí bate o desespero, porque todo mundo fala que a barriga volta para o lugar, mas o peito... (Luísa, 25 anos).

A quase totalidade das entrevistadas atribuiu à maternidade a perda da forma física. Como se a maternidade e o corpo fossem categorias excludentes e, por isso mesmo, trouxessem sofrimento psíquico, como o fato de não se reconhecer corporalmente no espelho. Como exemplo:

Não tem como eu não associar a minha cirurgia à experiência do meu parto. (Teresa, 38 anos).

Sou uma pessoa que passou por cirurgias plásticas. Depois que amamentei os meus dois filhos meu corpo despencou, os peitos caíram mesmo. (Ana, 42 anos).

Analisando os depoimentos das mulheres, é possível perceber que se

criou uma espécie de campo patológico da gravidez associado à gordura. Engordar mesmo na gravidez não é saudável, pois gordura equivale a doença. Vejamos:

Fiquei deprimida na gravidez, só engordava [...] a única parte boa da gravidez é quando o bebê nasce. (Teresa, 38 anos).

Nesse sentido, para Foucault (2005), a eficácia das práticas disciplinares aparece fortemente na relação que as mulheres têm com a gravidez, pois a eficácia dessas práticas aparece como comportamentos autogerados e auto-regulados.

A gravidez é apontada por quase todas as nossas entrevistadas como responsável pela decadência de seus corpos e aquelas que ainda não têm filhos mostram-se antecipadamente preocupadas com seus efeitos sobre seus corpos. A gestação é apontada pelas entrevistadas como uma diferença marcante entre os sexos, atributo por excelência da feminilidade. É vista também como aquilo que as torna menos femininas, porque estão menos atraentes e que, para ser mãe, não é preciso sofrer na mesa de cirurgia:

Ser mãe nos dias de hoje é sofrer duas vezes no paraíso. Primeiro você sofre com a gravidez e fica detonada por fora e por dentro, e depois você sofre na mesa de cirurgia para consertar os estragos do parto. (Teresa, 38 anos).

Constatamos aqui o que afirma Alexander Edmonds (2002, p. 209): “a *plástica* pode ser vista como um símbolo especialmente carregado da ambigüidade da feminilidade, ao mesmo tempo 'passando por sofrimento' e 'consertando o que está errado'.” Nesse sentido, a cirurgia plástica figura como uma exigência cultural para “ser/continuar feminina” – “ser bela dói”. Suportar a dor em nome da aparência e da estética faz parte do que elas entendem como sendo um comportamento feminino<sup>10</sup>.

Na fala de nossas entrevistadas, a maternidade é freqüentemente associada à necessidade de mudança e de restabelecimento da forma desejada. Uma das mulheres, ao falar sobre as cirurgias plásticas, afirmou:

Quando estiver com alguma coisa sobrando vou para a faca. (Ana, 42 anos).

---

10 Para Edmonds (2002) as variáveis beleza e vaidade estão associadas à feminilidade; qualquer cuidado em torno disso não deve ser abandonado pelas mulheres dentro da obrigação moral de ser bela.

A preocupação torna-se uma espécie de obsessão purgativa e se faria notar em tudo aquilo que aumente o corpo feminino. De acordo com a OMS (2004), a obesidade é considerada uma epidemia mundial a ser veementemente combatida mediante campanhas de saúde pública, que visam, a médio e longo prazo, a mudanças dos hábitos alimentares. Estar acima do peso é diferente de ser obeso. Segundo o relatório da OMS, o indivíduo é enquadrado na categoria “sobrepeso” quando o seu IMC<sup>11</sup> se encontra entre 25 e 29,9 pontos. Neste ponto, é bastante esclarecedor o relato do Dr. Marco Almeida: “A mulher que aumenta 30 kg na gravidez sempre se desculpa que estava grávida.”

Deste modo, o excessivo ganho de peso na gravidez está associado de fato aos maus hábitos alimentares das mulheres. Ganhar trinta quilos é bem diferente de ganhar durante a gestação os nove quilos considerados normais pela Medicina. Contudo, a gravidez leva a culpa, embora não se deva negar que ela de fato traz algumas modificações para o corpo das mulheres, para umas mais, para outras menos.

O corpo é ainda para essas mulheres um corpo fragilizado com esta situação crítica, pois depende particularmente do grau de empenho que ela vai ter em cuidar do seu corpo após a gravidez. A resposta técnica/científica para garantir e continuar com os cuidados com o corpo depende também de uma ação humanizada que se desenvolverá com médicos e profissionais envolvidos na recuperação de um corpo sob medida.

Aqui, afetividade, experiência e subjetividade são fatores relevantes para observar o sincretismo do corpo diante da noção de fenomenologia, no contemporâneo. A fenomenologia em síntese descreve sobre a intencionalidade humana por meio da percepção e do desvelamento/deslocamento dos fenômenos presentes. Ou seja, a fenomenologia debruça-se sobre o reconhecimento de si mesmo, a partir das variações transitórias do próprio indivíduo (Merleau-Ponty, 1999).

Tento considerar que, no contemporâneo, a fenomenologia diante da subjetividade pode descrever uma noção de corpo na saúde como parte integrante de sentimento, percepção e, conseqüentemente, de uma resposta emocional apresentada pelo paciente,

---

11 O índice de massa corporea é calculado pela fórmula  $IMC = p(kg)/A^2(m)$ , ou seja, dividindo-se o peso pela altura elevada ao quadrado (OMS, 2004).

em sua intervenção cirúrgica. Essa resposta transitória revela uma compreensão corporal do fenômeno (acontecimento/cirurgia) registra o momento crucial de tomar a decisão de ir para a mesa cirúrgica.

## **2. Cirurgia “para si” ou “para os outros”**

Tinha muita vergonha de trocar de roupa na frente do meu marido. Ele disse que era frescura minha, que preferia os meus peitos caídos, a correr o risco de me perder com uma cirurgia, mas prefiro correr o risco na cirurgia do que ficar sem marido. (Beatriz, 52 anos).

Grande parte das observações demonstrou que as frequentadoras das clínicas dos bairros de Petrópolis e Tirol optaram pela cirurgia plástica apoiadas no discurso de aperfeiçoamento pessoal e na corrida contra o tempo, sendo que boa parte das entrevistadas teve presente no discurso o contraste referente à motivação de fazer a cirurgia para “os outros” ou “para si”. Estas referiam-se às cirurgias para “o outro” quando a motivação partia de alguém da família, principalmente do marido que fazia algum comentário negativo em relação ao seu corpo e elas se sentiam na obrigação de fazer a cirurgia plástica. Seguem exemplos:

Eu sempre fui vaidosa, mesmo lá no interior em Pau dos Ferros<sup>12</sup>, sem muitos recursos eu era a menina mais bonita da cidade. Quando vim morar aqui em Natal tudo ficou melhor, consegui me casar bem, ter minha profissão [...] tenho dois filhos que já estão na faculdade [...] sei que tudo isso foi conquistado através da minha beleza e da minha força de vontade em melhorar de vida. Não adianta ser bonita e não ser inteligente, a beleza abre caminhos pra gente subir na vida. [...] Sou muito ciumenta, porque o meu marido é muito bonito e está bem financeiramente, quando ele falou que minha barriga estava flácida e os peitos estavam caídos decidi pela plástica, quero manter meu casamento e tudo que conquistei. (Alice, 42 anos).

A cirurgia plástica para essas mulheres é vista, na maior parte das vezes, como uma garantia de manutenção do casamento. A possibilidade de serem trocadas

---

<sup>12</sup> Município do Estado do Rio Grande do Norte a 400 km quilômetros de Natal, na região do Alto Oeste Potiguar.

por “concorrentes” mais jovens e belas impunha-se como uma constante nos relatos:

O meu marido é contra qualquer cirurgia plástica que penso em fazer, mas bem que ele admira as mocinhas novinhas e bonitinhas que vê na rua. Gostaria de saber se nesse olhar tem desejo ou é somente admiração. (Teresa, 38 anos).

Quando as mulheres falam das cirurgias feitas “para si”, elas chamam a atenção para o fato de que, na sua decisão de operar, não houve interferência de ninguém, justificando como razão para a realização da cirurgia o querer “estar bem consigo mesmas”:

Nunca engravidei e já tinha a barriga flácida, quando fiquei grávida, além da barriga [...] os quadris ficaram maiores e não voltaram ao que era antes, fiz plástica e 'lipo' e não me arrependo, eu não estava bem comigo mesma, fiz e faço tudo que me deixe mais feliz e me dê mais qualidade de vida. (Jackeline, 30 anos).

A primeira cirurgia que fiz, tinha dezoito anos, porque tinha o nariz grande, sabe, assim [...] nariguda. Passei a adolescência inteira me escondendo, imagine como estaria minha cabeça se ainda tivesse hoje aquele nariz? Minha auto-estima estaria lá nos pés. (Alice, 42 anos).

Não estou procurando receber elogios, [...] nem encontrar alguém, fiz a plástica porque tinha que me cuidar, estava precisando aumentar minha auto-estima e me sentir bem. (Cristina, 31 anos).

O discurso das entrevistadas sobre a decisão de fazer a cirurgia “para si” não diz respeito somente ao momento de passar a ter um corpo ideal e ter o controle do peso e das medidas, revela também funções psicológicas e morais. Deixar a feiúra tomar conta de si caracteriza a um só tempo uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da auto-estima, ressaltando-se que a dimensão ética é também rompida, pois se deixar ficar feia é interpretado como má conduta pessoal, podendo resultar na exclusão do grupo social. Portanto, mudar o corpo é mudar a vida e as intervenções estéticas decorrentes desse processo traduzem-se em gratificações sociais.

Nesse sentido, as entrevistadas justificam que a motivação para realizar a cirurgia plástica “para si” remete-se a uma orientação moral oposta àquela voltada para as cirurgias ditas para “os outros”.

### 3. Ser Jovem ou Envelhecer

O envelhecimento é visto como uma doença nas sociedades ocidentais, possuidoras de um estilo de vida que privilegia o “novo” sobre o “tradicional”. Para tanto, são criadas tecnologias de “maximização da vida”, que visam à conservação do corpo (higiene, anestesia, dietas, remédios, vitaminas e exercícios) e de “otimização do corpo”, que visam à concentração de prazer, isto é, a sensibilização do corpo, a excitação dos sentidos e o curto prazo. Duarte (1999) chama tudo isso de *intensidade*. Essas tecnologias surgiram em função da sistemática de exploração do corpo como *locus* privilegiado da busca da perfeição, da juventude e do prazer.

A cirurgia plástica nesse sentido pode ser entendida como uma tecnologia tanto da “maximização da vida” como de “otimização do corpo”. O imperativo de ser jovem, belo e magro e a conseqüente desvalorização do envelhecimento fazem com que as rugas, “vincos” e manchas tornem-se doenças, que a cirurgia plástica estética também deve combater. O Dr. Kléber Nobre salientou que o objetivo da cirurgia plástica “é também trazer conforto às pessoas que estão envelhecendo.”

Na pesquisa, não ser mais jovem foi percebido pelas entrevistadas como uma inevitável sensação de perda e, como que para aplacar o sentimento de desespero e angústia vividos na corrida constante contra o envelhecimento, esse grupo de entrevistadas agia como se pertencesse a uma determinada casta. Vejamos:

Tem muita mulher desleixada por aí, que não se cuida, toda cheia de celulite e estrias, sem falar na gordura e olha que ainda são jovens [...] Eu, por exemplo, não aparento ter a idade que tenho. (Sheila, 40 anos).

É normal ver meninas novinhas parecendo 'umas matronas' sabe? Aquelas bem descuidadas, gordinhas, bem derrubadas [...] Sou muito mais eu, que tenho essa idade e não aparento. (Luciana, 45 anos).

Nessas falas pareceu-me que a comparação que estabeleciam com outras mulheres jovens, este fato encarado como uma concorrência desleal, demonstra um certo sentimento de superioridade e desprezo pelas mulheres que – diferentemente delas – não

cuidavam com tanto afinho do corpo. Assim, conseguiam então uma certa dose de reconhecimento social e sentimento de vitória – o trunfo de parecerem jovens sem, no entanto, o serem<sup>13</sup>.

Ainda dentro do mesmo tema – a competição existente entre as mulheres –, uma de nossas entrevistadas permitiu-se ir um pouco além nas suas confissões. Expressou de maneira bastante honesta a sensação de se sentir ameaçada quando no “páreo” estavam meninas mais jovens.

Sendo assim, ao assumir que já saiu algumas vezes com amigos de seus dois filhos, admitiu que o mesmo não seria possível caso fossem amigos de sua filha. Nas suas palavras:

Seria horrível se tivesse uma filha mulher – imagina só disputar os gatinhos com as amigas dela. Seria constrangedor, além do mais teria que renunciar a uma porção de coisas, afinal seria minha filha, né! Como tive dois meninos, graças a Deus! Não precisei me privar de nada disso. Os amigos dos meus filhos me acham a maior gata, enxutíssima. Se fosse ao contrário, teria que competir com a juventude delas. (Laura, 44 anos).

Este depoimento parece apontar para a dolorosa constatação do envelhecimento, a sua conseqüente negação através de toda sorte de práticas e comportamentos que visem a disfarçá-lo, a glorificação da juventude e das mulheres jovens de maneira geral. Como uma espécie de vingança, as entrevistadas pareciam desafiar imaginariamente as “meninas” (mulheres) mais jovens. Notou-se que, ao descreverem a sua rotina diária, na qual acumulam as funções de mãe e dona de casa, ambas somadas à jornada de trabalho fora, as entrevistadas pareciam levantar uma bandeira.

Dessa forma, vangloriam-se por suportar tamanho acúmulo de tarefas e ainda ter disposição para se exercitar e fazer tratamentos e cirurgias. Uma espécie de compensação às avessas, uma vez que em momento algum valorizaram as experiências

---

13 Nesse aspecto, Fernanda Eugenio (2006) diz que a juventude hoje se vê aumentada para além da faixa etária determinada, transformada em valor e objetivo a ser perseguido. Segundo a autora: “A palavra de ordem deixa em grande medida de ser auto-reflexão e o cultivo da interioridade – quando esta se converte em 'um esforço constante de exteriorização', e o corpo se torna 'alter ego do self', fazendo com que seja 'preciso projetar-se para fora de si para tornar-se si mesmo'.” (EUGENIO, 2006, p. 171).

acumuladas ao longo da vida.

Ao que parece, elas seguiam por uma terceira via, qual seja: a de estender ao máximo a sensação de juventude, vivenciada através de atributos como a resistência, a disposição e a força, que as fazem capazes de levar a vida de “heroínas”. Segue declaração:

Por tantas coisas que dou conta na minha vida, posso dizer que sou uma super mulher, [...] não é nada fácil ser mãe, dona de casa, empresária e ainda ter tempo de cuidar do corpo, sou valorizada por tudo isso. (Vitória, 48 anos).

Para Foucault (2005, p. 148), o processo disciplinador de certos discursos de verdade, como o caso da beleza, funciona como um dispositivo que ao mesmo tempo confere aos sujeitos a ação de serem “fiscais perpetuamente fiscalizados” com o corpo. Os investimentos pessoais com a estética vinculam-se à visibilidade social que o sujeito deseja atingir e ele mesmo usa a sua liberdade para agir e transformar o corpo. Os cuidados físicos revelam-se invariavelmente como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e as expectativas do grupo.

Para as entrevistadas, a cirurgia plástica é um recurso, por excelência, das mulheres mais maduras. Acreditamos que, além do fator envelhecimento, a autonomia financeira permite que essas mulheres decidam com maior rapidez quais intervenções corporais julgam mais urgentes fazer.

Claro, eu vou envelhecendo e me transformando e cada pedaço do meu corpo tem uma idade. (Lígia, 39 anos).

Você vê, eu tenho quarenta e dois anos e todo mundo diz que pareço ter trinta e poucos. O rosto não dá pra segurar, mas o corpo enquanto der... (Alice, 42 anos).

Freud (1997) fala da castração e todos os pensadores da Contemporaneidade citados batem na mesma tecla, a da negação da falta e da sociedade de consumo em promover a ilusão de que os objetos tamponariam nossas faltas. No âmago da questão, parece estar a antiga aspiração humana da negação de nossa sociedade.

Outros depoimentos marcantes:

Meus filhos dizem que estou ótima, que tenho a musculatura de garota [...] Acho envelhecer cruel. (Alice, 42 anos).

Gostaria de ser do tipo de mulher que acredita que a idade é um estado de espírito. Sinceramente, adoraria que o espelho me dissesse que a minha imagem é um mero reflexo do meu estado de humor... As minhas rugas estão lá, impreterivelmente, todo dia de manhã quando eu acordo e me olho no espelho, elas não dão bom dia. (Ana, 42 anos).

Todas as entrevistadas encararam as práticas corporais como uma forma de tornar seus corpos mais sedutores e o horror ao envelhecimento tornou-se bastante evidente. Para preservar a juventude e, conseqüentemente, a boa aparência, tudo deve ser tentado, conforme revela o desabafo seguinte:

Ah, é uma merda. É lógico que não posso competir com uma menina de quinze anos, a cara não deixa, mas eu não me entrego nunca [...] tudo que aparecer de tecnologia nessa área eu vou fazer. (Lívia, 38 anos).

Como aponta Mendlowicz (2003), é em uma sociedade globalizada, dividida entre ganhadores e perdedores e sem idéias, que os sujeitos entregam-se às compulsões. Nessa urgência, qualquer espera equivale ao desespero, causado por uma enorme intolerância àquilo que o atrapalhe em sua busca de perfeição. E nada mais distante da perfeição, na sociedade atual, do que a velhice e a gordura.

#### **4. Gordura e Sexualidade**

Apesar de sabermos dos problemas de saúde que a gordura acarreta, é no campo das aparências, da corporeidade vivida e da exclusão social que ela é vista como doença na nossa sociedade. Aqui, através dos depoimentos das entrevistadas, podemos perceber o pesar, o sofrimento e sobretudo a vergonha de estar acima do peso, para algumas mulheres. São elas também que nos vão mostrar como a gordura as deixa fora dos pequenos prazeres da vida cotidiana da Classe Média:

Na véspera da lipo tive uma crise e quase não fui. Pensei: pra que vou operar, só para me tratarem melhor? Vou arriscar a minha vida para que os outros me tratem de outra forma? Será que isso vale a pena? O pior é que vale [...]

Nada é igual a você virar uma pessoa a quem os outros consideram normal. (Lígia, 39 anos).

A necessidade de ser tratada como uma pessoa normal, no depoimento da mulher, deixa evidente que uma das características de nossa época é a *lipofobia*, a obsessão pela magreza e uma rejeição quase maníaca à obesidade. Não por acaso, a lipoaspiração é uma das cirurgias plásticas mais realizadas aqui em Natal<sup>14</sup>.

Para Heilborn (2004), a sexualidade e o sexo só despontam como domínios portadores de inteligibilidade em si mesmos no contexto ocidental moderno. Nas camadas médias, as mulheres se distribuem no mapa social pela preeminência do ser indivíduo na constituição dos sujeitos sociais. Os relatos revelaram que somente as mulheres acima do peso ideal se referiram à queixa da negação de suas sexualidades.

Ao encontrar pacientes com sobrepeso na observação de campo, novamente um outro olhar se fez necessário, a busca de uma outra estética tornou-se ainda mais marcante, mas também mais justificada, se nos reportarmos às inúmeras experiências de exclusão e de mal-estar vividas, conforme testemunho:

Nós gordos não nos damos conta do que é ter a alma gorda. Dizem que nos escondemos atrás da gordura para não vivermos uma porção de coisas, mas não sei se compro essa história toda, será que é só isso? Eu, por exemplo, quando era gorda, chamava a atenção em qualquer lugar que chegasse, pois não há como tanta gordura não marcar presença. Agora tenho que rebolar, usar roupas de magras, maquiagem, tudo para chamar bastante atenção. Não que tudo isso não seja ótimo, afinal estou podendo, finalmente ser mulher e exercer a minha feminilidade. Para me destacar com tanta concorrência, tenho que matar um leão por dia para me fazer notar. (Paula, 36 Anos)

O desabafo de uma outra paciente reforça a questão do preconceito e põe em relevo as queixas de outras mulheres do grupo:

A sociedade em geral é muito mais cruel com a gordura feminina do que com a masculina. Ninguém estranha um cara gordo com uma mulher magra, mas quando o inverso acontece, todo mundo cai matando. Homem gordo com mulher bonita é poder, já no caso contrário, é falta de vergonha na cara.

---

<sup>14</sup> Devido à falta de dados estatísticos, não se pode comprovar tal afirmação, mas a lipoaspiração era citada como uma das cirurgias mais realizadas pelas mulheres entrevistadas.

Sendo ela sempre lembrada que será trocada por uma mulher magra. Não tem jeito, todo mundo joga na cara, parece raiva. Nos homens as pessoas não se surpreendem, vão logo dizendo: 'também ele pode!'. Agora a gente já viu [referindo-se às mulheres] é o que eu sempre digo: 'se beleza não põe mesa, então por que mulher gorda ninguém come? Só pode ser porque não abre o apetite. (Alice, 42 anos).

Nas entrevistas realizadas com essas mulheres,<sup>15</sup> algumas das falas mais recorrentes dizem respeito à sexualidade<sup>16</sup> – seja ela exercida ou não. Para as que estão com o peso ideal, o corpo apresenta-se ali, mais do que nunca, como algo a ser visto e admirado, sendo poucas as referências a qualquer tipo de atividade sexual. No extremo oposto, observamos nas mulheres acima do peso ideal a queixa da negação de sua sexualidade. Seguem depoimentos:

[...] é como se gordos não tivessem tesão. (Lígia, 39 anos).

Só a mulher magra tem direito de ser sexualizada, como eu gosto de sexo, aliás, a maioria dos gordinhos gosta, muito embora a sociedade feche os olhos para isso [...] tive que correr atrás do prejuízo, quer dizer, no meu caso, do excesso. Veja bem, se antigamente dizia-se que os homens escolhiam as mais gordinhas, porque era isso que dava mais tesão. (Paula, 36 anos).

Entendemos que a “gordura”, tal qual a percebemos em nossa sociedade, traz à tona todo o desmedido feminino que precisa, de qualquer forma, ser contido. Onde há risco de a sexualidade se manifestar, instalam-se dispositivos de vigilância e de confissão e implantam-se as bases de um regime médico-disciplinar.

A minha maior motivação para fazer esta cirurgia era o fato de querer ser desejada e paquerada na rua. Hoje em dia, que só faltam cinco quilos para eu perder, já sinto a minha auto-estima bem melhor. (Tereza, 38 anos).

Freqüentemente, ouvi das mulheres entrevistadas as expectativas acerca das mudanças e transformações ocorridas em seus corpos. Não há como negar,

15 Para a OMS uma pessoa é considerada gorda quando o seu IMC está acima de 25 pontos.

16 Foucault publica a *História da sexualidade – A vontade de saber* em 1976. Nesta obra nega a hipótese de um grande ciclo repressivo que se costuma situar entre os séculos XVII e XX, chamando atenção para uma crescente incitação ao discurso sobre o sexo ao longo deste período, uma vontade de saber sobre a sexualidade, que considera ser a peça essencial de uma estratégia de controle dos indivíduos na sociedade moderna.

sobretudo que aquelas que fazem cirurgias plásticas alcançam prazeres simples da vida cotidiana, como ir ao cinema, viajar e levar uma vida medianamente normal. Por si só, qualquer dessas atividades basta para inserir essas mulheres em um mundo mais rico em termo de relações pessoais, alterando radicalmente suas formas de sociabilidade. Extremamente conscientes da maneira como operam, muitas delas nos falavam de seus “aspectos compulsivos”, de suas “mentes obesas” e de suas “relações vorazes”. Vejamos:

Não sei se você reparou, mas gordas são pessoas compulsivas, [...] compulsiva por comida, por trabalho, por bebida, por afeto [...]. (Paula, 36 anos).

Também poderíamos pensar no corpo acima do peso, como um corpo em trânsito, um *devoir* de corpo, ou fazendo empréstimo ao título do livro de Sant'anna (2001), *Corpos de Passagem*, um corpo que não pode existir senão em processo de emagrecimento e aprimoramento, cuja identidade não pode ser exercida plenamente, pois não encontra um lugar social. Ainda de acordo com os relatos transcritos, um corpo que deve, a todo custo, ser modificado, cortado, a fim de que possa enquadrar-se no ideal vigente de corpo magro.

A maneira como as mulheres entrevistadas relatam serem tratadas como seres repulsivos e desvinculadas da imagem do ser belo, nos transmite a dor e o difícil fardo que é carregar o gosto amargo da exclusão do mundo considerado esteticamente perfeito.

Não há como negar também que a busca de um outro olhar de aprovação apresenta-se de forma marcante nesse grupo. Da sexualidade que lhes é negada, da moda da qual não podem usufruir e aos programas que lhes são barrados, tudo aponta para um olhar que quase lhes nega o direito de existir enquanto sujeitos.

Contudo, as mulheres que se submetem às cirurgias plásticas lançam mão de seu projeto de buscar essa verdade interior. Elas determinam a sua atitude estética, ou seja, criam um corpo que materializa a parte mais profunda de si, trabalham nele para melhor trabalhar sobre si, onde o poder de escolha faz parte de suas decisões.

Fiquei angustiada em saber que a boa forma física é uma preocupação

marcante na vida dessas mulheres e uma específica forma de se sentir bem com o próprio corpo torna-se o dispositivo vestível ao corpo. A alteridade foi, colocada à prova e explicitada. A preocupação de todas as entrevistadas comigo era em dizer que eu como mulher também (algum dia) iria passar pela mesmas angústias que elas passaram e que era importante “escutar o próprio corpo”.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero*: “muitos mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

AZIZE, Rogério Lopes. Saúde e estilo de vida: divulgação e consumo de medicamentos em classes médias urbanas. In: LEITÃO, Débora Kriskhe; LIMA, Diana Nogueira de Oliveira; MACHADO, Rosana Pinheiro (Orgs.). *Antropologia & consumo*: diálogos entre Brasil e Argentina. Porto Alegre: AGE, 2006. p. 119-137.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 189-261.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.

EUGENIO, Fernanda. Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 158-176.

FEATHERSTONE, Mike. The body in consumer culture. In: FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan S. (Orgs.). *The body: social process and cultural theory*. Londres: SAGE, 2001. p. 170-196,

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p. 79-137, 2002.

VARGAS, Eduardo Viana. Os corpos intensivos: sobre o estatuto social do consumo de drogas legais e ilegais. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel. *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998.